

O jogo da paz e seus enunciados: uma perspectiva discursiva sobre a partida entre Estados Unidos e Irã na copa do mundo de 1998

Márcia Helena Sauaia Guimarães Rostas¹

Luciane Albernaz de Araújo Freitas²

Alexandre Kerson de Abreu³

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões, à luz das teorias bakhtinianas, sobre os enunciados presentes no contexto sócio-histórico da realização da partida de futebol entre Estados Unidos e Irã, válida pela Copa do Mundo de 1998, na França, e batizada de Jogo da Paz pela imprensa mundial. A proposta é trabalhar os conceitos de ato/atividade, evento e carnavalização, mostrando como pode ser construída uma teia de enunciados e diferentes produções de sentido que tangenciam a tensa relação política/diplomática entre os dois países fora das quatro linhas.

Palavras-chave: discurso; imprensa mundial, carnavalização.

Abstract: This article aims to present some reflections, in the light of Bakhtinian theories, on the enunciations present in the socio-historical context of the completion of the soccer match between the United States and Iran, in the World Cup 1998, in France, called game of Peace by the world press. The proposal is to work the concepts of act/ activity, event and carnivalization, by showing how can be constructed one network of enunciation and sense production, tangential to the tense political and diplomatic relations, between the two countries, off the field.

Keywords: discourse; world press; carnivalization.

Apesar das divergências sobre o real motivo que estremeceu a relação entre Estados Unidos e Irã, o ano de 1979 pode ser considerado o estopim para o conflito político/diplomático entre os dois países. O episódio mais emblemático neste período foi a invasão da embaixada norte-americana em Teerã, durante a Revolução Islâmica.

Centenas de estudantes radicais e fiéis à facção Xiita de Aiatolá Khomeini, armados com pedaços de pau e pedra e entoando o grito de guerra “Morte à

¹ Professora Dra do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Email: mrostas@hotmail.com.

² Professora Dra do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Email: lucianealbernaz@pelotas.ifsul.edu.br.

³ Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Mestrando do MPET. Email: xande.abreu75@gmail.com.

América”, venceram o frágil esquema de segurança da embaixada dos Estados Unidos. A partir daí, foi instaurado o terror. Funcionários da repartição foram agredidos e tomados como reféns pelos manifestantes, que protestavam contra a política imperialista e gananciosa norte-americana.

Por outro lado, os Estados Unidos acusavam o governo iraniano de promover uma “guerra religiosa” como pretexto para validar um regime ditatorial e censurar a liberdade de expressão. No entanto, a grande preocupação naquele momento passou a ser a possibilidade de uma grande catástrofe mundial, ocasionada por armas nucleares supostamente desenvolvidas pelo Irã. Em represália, o governo norte-americano passou a impor um forte embargo comercial e isolamento político ao Irã, além de apoiar o Iraque, na década de 1980, na guerra contra os vizinhos iranianos.

Em 1998, quis o destino que Estados Unidos e Irã se enfrentassem novamente. Desta vez, o cenário para o confronto era a Copa do Mundo, sediada naquele ano pela França. No dia 21 de junho, em Lyon, em partida válida pela fase de grupos, os dois países ignoraram toda a tensão de quase duas décadas e transformaram aquele jogo de futebol num símbolo da paz. No Estádio de Gerland, o Irã acabou vencendo por 2 x 1, mas assim como os Estados Unidos, não avançou para a fase seguinte. As duas vagas neste grupo ficaram com a Alemanha e a então Iugoslávia.

Adversários no campo político/diplomático, Estados Unidos e Irã fizeram história ao protagonizarem o chamado Jogo da Paz. Ignoraram o clima hostil e suas diferenças e mostraram que o esporte pode ser um meio eficaz para promover a tolerância e a harmonia entre os povos.

Do ponto de vista discursivo, o Jogo da Paz promoveu uma rede extremamente fértil para a proliferação de inúmeros enunciados, desde a entrada das duas seleções em campo até o apito final. Neste caso, não se trata apenas de uma simples partida de futebol. Envolve um complexo conjunto de razões - sejam elas históricas, políticas, religiosas -, abrindo, desta forma, uma imensa lacuna para que se possa estudar esse confronto esportivo sob à luz do pensamento bakhtiniano.

O Jogo da Paz é um exemplo concreto e oportuno para facilitar a compreensão dos conceitos de ato/atividade e evento, bem como o de carnavalização - este último, utilizado para explicar como o esporte pode servir de espaço para manifestações

populares e libertação diante de regras impostas pelo sistema vigente. Desse modo, a partir deste amplo campo discursivo, torna-se necessário também abordar a interação verbal e seu caráter dialógico presentes nas enunciações, ressaltando que a língua é viva e sujeita a influências ideológicas e ao contexto.

Enunciados em jogo: o eu e outro entram em campo

Para iniciar as reflexões deste artigo, é imprescindível tratar primeiramente das questões e especificidades que envolvem o enunciado, importante conceito dentro da teoria bakhtiniana e para os estudos enunciativos e discursivos contemporâneos.

Um texto empírico, seja ele verbal ou não, traz consigo uma aparente unidade, uma homogeneidade unívoca que encerra uma certa estabilidade. Por trás desta ilusória transparência, disfarçada pelos diferentes gêneros discursivos, estão presentes inúmeros enunciados e vozes resultantes de um processo de interação verbal entre interlocutores. É a esses diversos enunciados que devemos estar atentos para entender o mecanismo de funcionamento do discurso e, conseqüentemente, o processo de (re)significação e produção de sentidos, sempre tendo em vista o contexto, ou seja, as condições de produção.

O enunciado, nessa perspectiva, é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações “enunciativas” (BRAIT; MELO, 2012, p.63).

Para Bakhtin (2006), esses sentidos cambiantes que caracterizam os enunciados fazem parte da necessidade humana de atribuir uma significação ao mundo, em outras palavras, construir uma representação de mundo a partir do que chama de signos ideológicos. “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. [...] tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2006, p.29). O filósofo russo, no entanto, adverte que um objeto fisicamente real (uma cadeira, um martelo, uma espada, uma bandeira, por exemplo) não assume, por si só, a condição de signo, mas pode ser associado a ele a partir de critérios de avaliação ideológica atribuídos pelo homem.

Na concepção de Voloshinov, ideologia é “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas” (BAKHTIN, 1998, p.107). Desta forma, complementando as palavras de Voloshinov, aquilo que Bakhtin traz como critérios de avaliação ideológica remete-no ao que ele próprio chama de universo de signos. É nesse espaço valorativo que ocorre a correspondência de um objeto físico a um signo, signo este pertencente a um conjunto de signos de um certo grupo social.

[...] todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade; ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. [...] O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico (BAKHTIN, 2006, p. 30).

Portanto, não há como dissociar a questão ideológica da vida social. São as nossas experiências, nosso contato com o outro, essa constante busca de dar sentido ao mundo, que constitui a língua. Geraldi (2011) observa que a cada expressão que utilizamos, apresentamos à realidade um modo distinto. A capacidade de mobilizar diferentes e variados recursos expressivos, segundo ele, nos acompanha desde que nascemos e vai crescendo a partir do momento que convivemos em sociedade, nas relações sociais.

Quando nascemos, não encontramos apenas uma língua em uso – encontramos um mundo significado. E o aprendemos, o compreendemos segundo os significados que circulam no meio em que nos constituímos os homens que somos. Obviamente à medida da ampliação de nossas relações interlocutivas vamos ampliando nossas compreensões do mundo. [...] falar não é representar o mundo, mas construir uma representação do mundo para si e para os outros. Nesse sentido, a linguagem é mais do que uma capacidade humana de criar línguas: ela é uma atividade constitutiva de si própria e da consciência dos sujeitos que a falam. E por isso mesmo é um dos principais mecanismos (regime?) constitutivos do que somos (GERALDI, 2001, p.15).

Assim, o exercício da linguagem humana perpassa pelo social. Por conta desta estreita relação, o enunciado, para Bakhtin, assume a condição de unidade básica do discurso e revela um caráter dialógico. O filósofo, inclusive, trata o dialogismo como um dos conceitos-chave de sua teoria sobre a linguagem. Para ele, os signos somente vêm à tona a partir da interação entre uma consciência individual e uma outra. A

presença do outro é tão forte, neste processo, que leva Bakhtin a afirmar que “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu” (2004, p.79).

Considerando a perspectiva dialógica, a multiplicidade de enunciados presentes no discurso nos faz refletir também sobre como se comportam os sentidos na esfera discursiva. A presença do outro no discurso reforça a heterogeneidade da linguagem, e os sentidos passam a se projetar como efeitos de sentidos, que variam conforme a posição assumida pelo sujeito no discurso (DI FANTI, 2003). Abrem-se, portanto, fendas no mecanismo discursivo, lacunas clamando para serem preenchidas por sentidos – sentidos estes construídos na relação dialógica e dependentes das condições de produção.

A linguagem, sob esse aspecto, constitui-se como uma reação-resposta a algo em uma dada interação e manifesta as relações do locutor com os enunciados do outro. Por isso, temos de considerar que o outro, no movimento dialógico, não é somente o interlocutor imediato ou virtual. É muito mais. O outro projeta-se a partir de discursos variados (passados, atuais, presumidos). São as outras vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção. Com isso, o outro apresenta-se em diferentes graus de presença no enunciado, às vezes é visível, às vezes está escondido, mas sempre está lá; constitui um princípio alteritário (DI FANTI, 2003, p.98).

Tendo em vista a semelhança existente entre os termos dialogismo e diálogo, vale ressaltar que a relação dialógica é muito mais complexa que um simples diálogo entre duas pessoas. Conforme Silva, o dialogismo para Bakhtin “opera em vários níveis: nas relações entre interlocutores, nas relações do texto com outros discursos e textos e do texto com o contexto” (BAKHTIN, 2004, p.58).

Brait (2005) corrobora a afirmação acima apontando uma dupla função assumida pelo dialogismo bakhtiniano. Para ela, dialogismo é, ao mesmo tempo, um diálogo permanente entre os diferentes discursos circulantes. Também fala de sua importância como elemento constitutivo da natureza interdiscursiva da linguagem e acrescenta que “[...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que por sua vez instauram-se e são instaurados por esses discursos” (BRAIT, 2005, p.94-95).

Sobre a interdiscursividade citada por Brait, Di Fanti (2003) acrescenta que o dialogismo reforça o caráter polissêmico da linguagem ao trazer outros ditos, já-ditos e /ou não ditos. Esses saberes já constituídos e que circulam no interdiscurso são acessados pelos sujeitos no processo de interação verbal, ampliando a possibilidade de construção de diferentes enunciados e sentidos, tendo em vista a historicidade e a posição ocupada pelos sujeitos no discurso.

Mas o que efetivamente caracteriza um enunciado é aquilo que ele efetivamente diz, naquele momento, para aquele enunciatário, nas condições específicas em que é produzido e recebido. Assim, uma única e mesma palavra dicionarizada – repetível, portanto – pode participar de enunciados diferentes. Basta que mudem as condições de sua enunciação. O clássico exemplo da palavra “fogo”. Se pronunciada pelo comandante de um batalhão de fuzilamento para os seus comandados, diante de um condenado atado ao muro de execuções, constituirá um enunciado completamente diferente do que enunciada por um fumante aflito, com um cigarro apagado na mão, dirigindo-se a um possível possuidor de fósforos ou isqueiro. O que se repete é a palavra e esta pertence ao plano da língua. O irrepetível em cada caso é a situação que confere a essa mesma palavra significações tão distintas em cada um dos enunciados (RIBEIRO, 2006, p.8).

De fato, ao analisarmos um enunciado, é necessário ir além, transpor o nível estritamente linguístico e enxergar condições outras em que ele foi enunciado. Nesta perspectiva mais ampla, Brait e Melo ressaltam que o todo, o processo interativo (verbal e não verbal) está configurado pelo enunciado e as particularidades de sua enunciação, que “fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos, etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante” (BRAIT; MELO, 2012, p.67).

Portanto, o enunciado concreto se dá na interação social e é a partir dela e de suas condições de produção é que se deve observar o funcionamento discursivo e toda a rede verbal ou não verbal que integram a enunciação. Na sequência, utilizaremos um exemplo de enunciado concreto - o Jogo da Paz - para trabalhar os conceitos de ato/atividade e evento sob a ótica bakhtiniana.

Jogando pela paz: o futebol como exemplo concreto de ato/atividade e evento

A Copa do Mundo de 1998, sediada na França, entre os dias 10 de junho e 12 de julho, reuniu os ingredientes necessários para figurar na lista das edições mais atípicas do maior torneio de futebol do planeta. A inédita conquista da seleção

francesa, que derrotou o Brasil na grande final pelo indigesto placar de 3 a 0, foi ofuscada por uma partida aparentemente sem o brilho e a tradição inerente aos grandes clássicos, realizada no dia 21 de junho, em Lyon.

No Estádio Gerland, Estados e Irã se enfrentaram pela segunda rodada do Grupo F, formado ainda pela Alemanha e Iugoslávia. Os iranianos venceram por 2 a 1, com gols de Estili e Mahdavikia. McBride descontou para os norte-americanos. As mais de 39 mil pessoas presentes naquela partida viram muito mais que um jogo de futebol. Elas foram testemunhas da força do esporte, personificada no futebol, como agente integrador e pacificador.

Contudo, aquele que ficou conhecido como o Jogo da Paz, termo cunhado pela imprensa mundial na época, não pode ser compreendido apenas dentro da ilusória demarcação temporal dos 90 minutos. É necessário voltar pelo menos 20 anos para poder ligar os pontos com as condições de produção envolvendo a partida histórica em 1998.

Como foi destacado anteriormente, tomaremos como base o ano de 1979, marco inicial da crise diplomática entre Estados Unidos e Irã, fato histórico que fornece as bases para a análise do emaranhado de enunciados que compõe o evento concreto batizado de Jogo da Paz. Para isso, contaremos com o aporte dos conceitos de ato/atividade e evento, tendo em vista a abordagem bakhtiniana.

No esforço de destrinchar as concepções teóricas que levaram Bakhtin a formular o conceito de ato/atividade, Sobral (2012) concentra suas pesquisas na concepção filosófica do termo. Vai buscar subsídios nos trabalhos realizados por Bakhtin, a partir de formulações de Aristóteles, Platão, Husserl, Kant e Marx, para, enfim, trazer as bases da concepção bakhtiniana de ato/atividade. Para um efeito mais didático, Sobral explica que ato e atividade são apresentados distintamente, mas que, na prática, suas fronteiras se fundem. Assim, tanto ato como atividade são designados como “ação concreta (ou seja, inserida no mundo vivido) intencional (isto é, não involuntária) praticada por alguém situado, não transcendente” (BOMBONATO, 2013, p.20). A síntese bakhtiniana sobre a filosofia do ato, segundo Sobral, enfatiza ainda o caráter da responsabilidade e da participatividade do agente.

Dessa forma, o ato responsável envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito a seu próprio ato, vinculada com o pensamento participativo. (...) O ato-feito tem tal importância em sua filosofia que ele define a vida como um evento uniorrente (porque há apenas uma vida no mundo humano) de realização ininterrupta de atos-feitos: atos e experiências que vivo são momentos constituintes de minha vida, que é assim uma sucessão ininterrupta de atos. (...) Assim, a experiência no mundo humano é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, que lhe confere sentido a partir do mundo dado, o mundo como materialidade concreta. (BOMBONATO, p. 21-22).

Esse sujeito a que se refere a afirmação acima é, para Bakhtin, um sujeito intencional, concreto, situado social e historicamente. Sobral relaciona essa noção de sujeito com o princípio dialógico proposto por Bakhtin e o contexto mais amplo do agir, trazendo em seu bojo o processo interativo – incluem-se aí a presença das várias vozes presentes no enunciado e os diferentes pontos de vista no discurso. “Há assim uma insistência na ideia de que o sujeito que toma decisões éticas o faz em sua vida concreta, cujas especificidades incidem sobre sua decisão” (SOBRAL, 2012, p. 23).

Portanto, é na vida concreta que se dá o ato/atividade, diferente do ato como potência (o vir a ser) oriundo do conceito aristotélico. Os atos realizados na vida concreta, em uma análise de ocorrência, carregam consigo uma infinidade de enunciados irrepetíveis, dotados de sentidos. “Uma análise restrita ao conteúdo do ato e ao ato como produto não permitiria ver a outra face de Jano, que é o processo complexo do ato e seu continente, ou contexto, que lhe dá sentido” (SOBRAL, 2012, p.31).

Assim, na concepção de ato para Bakhtin, conteúdo e produto não estão dissociados e são materializados em um evento concreto, que, por sua vez, carrega uma série de outros atos não isolados. Para proceder nossas análises, tomaremos como exemplo de um evento concreto o jogo protagonizado por Estados Unidos e Irã na Copa do Mundo de 1998.

O Jogo da Paz, como ficou conhecido este confronto no campo esportivo, não pode ser compreendido apenas como uma simples partida de futebol. Este evento enunciativo traz consigo um conjunto de enunciados que foram sendo construídos desde o início da crise diplomática entre Estados Unidos e Irã, em 1979. O sorteio das chaves para a Copa de 98, que colocou no mesmo grupo os dois países, adversários no

campo político/diplomático, desencadeou inúmeras ações simbólicas, impregnadas de sentido, e apropriações de discursos.

Diante da certeza do confronto em campo, marcado para 21 de junho de 1998, no Estádio de Gerland, a imprensa mundial criou um fato jornalístico a ser explorado. Com raríssimas exceções, a maioria das reportagens realizada antes do tão aguardado embate colocava a guerra e o esporte num mesmo patamar. A ideia era trazer para dentro de campo toda a atmosfera negativa e tensa da diplomacia entre as duas nações e garantir audiência.

Os dias que antecederam o jogo trouxeram muita dor de cabeça para a polícia francesa. Ameaças de atentados terroristas e brigas entre as duas torcidas causaram insegurança a turistas e torcedores e colocaram em estado de alerta as autoridades de Lyon, que reforçaram o esquema de segurança que havia sido planejado meses antes. Para piorar, o governo iraniano aproveitou-se do confronto para insuflar seu povo contra os norte-americanos.

Esse posicionamento causou constrangimento aos atletas da seleção do Irã, que, apesar de serem fiéis fervorosos de Alá, rechaçavam qualquer tirania de fundo político. Para os jogadores, principalmente, o regime repressor era extremamente danoso, já que censurava quase sempre qualquer manifestação esportiva, sem falar na falta de apoio financeiro para o desenvolvimento de práticas desportivas no Irã.

Na entrada das duas seleções em campo, os 11 jogadores iranianos presentearam os 11 atletas norte-americanos com flores. Do ponto de vista discursivo, essa atitude gerou um enunciado cujo efeito de sentido subverteu a lógica bélica: flores em vez de armas. Aqui, também, podemos explicar o forte caráter dialógico dos enunciados, bem como um exemplo concreto de ato responsável realizado no ser-evento.

De acordo com Bakhtin (1993), um ato ético responsável só pode resultar de um pensamento participativo, engajado, compromissado, interessado, um pensamento não indiferente, pressupondo, do outro, um ato responsivo na mesma medida. A resposta norte-americana foi na mesma moeda. Gentilezas não previstas no protocolo oficial e um clima cordial e festivo nas arquibancadas, com torcedores exibindo bandeiras dos dois países, uma ao lado da outra, deram um colorido especial

à partida, e as imagens desse “evento” correram o mundo. Nesse exemplo, Bakhtin chama a atenção para a importância de se compreender as consequências de tais eventos, vistos a partir de uma posição singular e única que ocupamos em nossa existência.

Tal perspectiva permite-nos olhar para um mundo dos atos humanos em sua individualidade, unicidade e diversidade, como que através de um caleidoscópio e, assim fazendo, escapar da avassaladora totalidade generalizante engendrada pelo mundo da cognição teórica (SAMPAIO, 2009, p.43).

A rede de enunciados que figurou no Jogo da Paz, da mesma forma, poderia conduzir o evento esportivo para uma trama discursiva que levasse à construção de um ato que, ao contrário do que se viu, reproduzisse em campo o conflito entre Estados Unidos e Irã. Ou seja, vários eventos diferentes a este poderiam ser gerados a partir de:

[...] uma série de atos praticados por sujeitos concretamente caracterizáveis (embora não individualizáveis) em resposta a outra série de atos praticados por sujeitos também concretamente caracterizáveis (e igualmente não individualizáveis), envolvendo resposta e responsabilidade (SOBRAL, 2012, p. 32).

As palavras de Sobral nos levam a refletir também sobre a importância de, na análise de um ato, não se separar o produto do processo e nem os elementos que transcendem a ação física em si, sob pena de perdermos de vista o amplo e rico contexto em que ele, o ato, faz sentido. No exemplo do Jogo da Paz, o ato concretizado na pacífica partida (evento) somente pode ser entendido se o seu conteúdo e processo forem vistos de forma integrada, e não isolada, considerando todo o contexto da rivalidade diplomática iniciada em 1979.

EUA X Irã: a carnavalização do discurso esportivo

Como que num passe de mágica, a imprensa mundial, que até às vésperas do jogo entre Estados e Irã insistiu em reportagens sensacionalistas, explorando o ódio e o clima hostil entre as duas nações no campo político, após o apito final, passou a trabalhar a partida sob a perspectiva do esporte como agente promotor da paz. A mudança de viés se deu por conta dos rumos que tomaram o jogo, ou seja, uma situação completamente inversa a imaginada pelos principais veículos de comunicação: a paz prevalecendo sobre a guerra.

Pensando o tratamento midiático sob esta perspectiva e considerando o Jogo da Paz como um discurso esportivo repleto de enunciados, podemos colocar em cena o conceito de carnavalização, de Bakhtin, para destacar essa partida de futebol como uma espécie de afronta, de deboche, ao cenário de ódio e intolerância criado pela tensão diplomática entre norte-americanos e iranianos. Para o filósofo russo, o jogo aqui assume as mesmas características das festas carnavalescas da Idade Média, ou seja, torna-se também um espaço para subversão do poder vigente, explicado da seguinte maneira:

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro de sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, uma e indivisível (BAKHTIN, 2008, p. 3-4).

No entanto, para evitar distorções conceituais, comparações e análises anacrônicas, o próprio Bakhtin (2008) tratou de reafirmar a amplitude de utilização do termo carnavalização, que contempla um leque variado de manifestações culturais e populares. Bombonato (2013) também entende que os jogos de futebol carregam inúmeras manifestações carnavalizadas, já que funcionam como uma válvula de escape para as tensões da vida real. Assim, através desta proposta, podemos pensar o futebol “como signo/linguagem que, tal como as festividades medievais, desenvolve uma espécie de ‘vida em miniatura’, que reflete a sociedade, mas também a refrata [...]” (BOMBONATO, 2013, p.17).

Enaltecido pela mídia, o Jogo da Paz, com toda a sua relação dialógica presente nos enunciados, interliga esporte e sociedade, apresentando-os de forma imbricada.

O esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte. Impossível compreender se uma atividade sem referência a totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa. Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, permitindo assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do jogo (DAMATTA, 1982, p.23-24).

Ao oferecer flores aos jogadores norte-americanos, os atletas iranianos subverteram a propaganda anti-ocidente alardeada pela teocracia islâmica e deram um novo rumo para o discurso midiático, que passou a enaltecer a atitude positiva e pacífica da seleção do Irã e lançá-la como exemplo de civilidade para a sociedade como um todo. Nem mesmo a vitória por 2 a 1 sobre os Estados Unidos, à época, repercutiu tanto como o gesto de paz. Prova de que o futebol vai além de uma simples metáfora da sociedade (Bombonato, 2013). Para Huizinga (1980), é o caráter ritualístico do jogo que faz com que os competidores sejam considerados representantes dos próprios espectadores, numa alusão aos jogos romanos. Retomando a perspectiva sobre ideologia em Bakhtin, as flores entregues aos atletas norte-americanos assumem o papel de signo ideológico, representando “a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio do ideológico” (MIOTELLO, 2012, p.170).

Por isso, vale ressaltar, novamente, que o dialogismo presente nos enunciados que perpassam o ato concreto da entrega das flores, como elemento constitutivo do evento Jogo da Paz, pressupõem um processo de interação verbal, que é de onde emergem os signos (BAKHTIN, 2006).

Ao se deslocar do campo discursivo político para o esportivo, o Jogo da Paz, marcado pela historicidade, ganha status de acontecimento discursivo⁴, e o enunciado representado pela entrega das flores é levado à equivocidade, abrindo a possibilidade para o sentido ser outro. Carnavalizado, esse novo acontecimento discursivo ainda mobiliza uma complexa rede interdiscursiva onde encontram-se diferentes saberes discursivos, já-ditos.

No interdiscurso, conceito que aparece como polifonia nas obras de Bakhtin, vários discursos (o atual e os anteriores) dialogam entre si, fazendo com que os enunciados se concretizem na pluralidade de vozes. É neste cenário que ocorrem as

⁴ Termo cunhado por Michel Pêcheux (2006). Vale ressaltar que Pêcheux, como principal teórico da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, concebia o sujeito como assujeitado, ou seja, interpelado pela ideologia. Já para Bakhtin, o sujeito é intencional e situado. Apesar da diferença na concepção de sujeito, o conceito de acontecimento discursivo pode ser trabalho sem conflitos dentro da concepção bakhtiniana.

ressignificações e construções de sentido realizadas pelos sujeitos que protagonizam as interações sociais.

Considerações finais

Sob a ótica bakhtiniana, vimos que o Jogo da Paz é um exemplo concreto de que um evento não pode ser analisado apenas considerando o tempo real de sua materialidade. A historicidade, somada à relação dialógica presente nos diversos enunciados que integram o ato/atividade “entrega de flores pelos jogadores iranianos”, tem papel fundamental na compreensão daquela que foi considerada a partida de futebol mais emblemática de todas as edições já realizadas da Copa do Mundo. Descolado de seu contexto e sem remissão à rede de discursos anteriores, o ato concreto cai no isolamento, perdendo a ligação com outros atos vinculados com o início da crise diplomática entre Estados Unidos e Irã e também a outros que poderão advir dele.

Sobre o dialogismo presente nos enunciados desse ato em análise, vimos que o diálogo, na concepção bakhtiniana, não reduz o conceito à apenas uma simples comunicação entre sujeitos. É muito mais que isso. Engloba todo um processo de comunicação verbal e não verbal, pressupondo a presença de várias vozes oriundas de outros discursos que perpassam um mesmo enunciado. Por isso, o sujeito bakhtiniano é um sujeito intencional, ativo/responsivo, na medida em que, na interação com o outro, participa, faz escolhas e cria uma representação de mundo compartilhada com o grupo social do qual faz parte.

É a partir deste não assujeitamento que podemos pensar o Jogo da Paz como um evento carnalizado. A partida emblemática entre norte-americanos e iranianos fez com que, por pelo menos 90 minutos, o mundo saísse dos “trilhos da vida comum” (BAKHTIN, 2008, p.204). O ato ético concretizado pelos atletas iranianos ao entregarem flores ao suposto “inimigo” subverteu a determinação imposta pelo conflito diplomático, na qual prevaleciam o ódio e a intolerância. Mais próximo dos jogos realizados no lendário Coliseu, na Roma Antiga, do que do próprio Carnaval, o futebol ganha, na atualidade, ares de legítimo representante dos anseios da sociedade. Os jogadores assumem o papel de protagonistas, levando para dentro das

quatro linhas um espelho dos próprios espectadores. O que se faz em campo tem consequências fora dele.

O jogo entre Estados Unidos e Irã criou uma enorme fenda para um universo de signos. As flores dadas aos norte-americanos foram transformadas em signo ideológico e ganharam, dentro da relação dialógica presente no processo de interação, um sentido que contrastava com o clima hostil da crise diplomática vivida à época. Naquele 21 de junho de 1998, a representação de sociedade e de mundo construído era a paz.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12^a ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. Tradução da ed. americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.
- BOMBONATO, Pedro Guilherme Orzari. **Carnavalização e linguagem: o futebol como dramatização da sociedade brasileira**. 88f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5^a ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- DAMATTA, Roberto da. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto da et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. **A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.95-111, jan./dez. 2003.
- GERALDI, João Wanderley. Linguagem e identidade: breve nota sobre uma relação constitutiva. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n.49, p. 9-19, jan/jun 2011. Disponível em: <http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/view/79>. Acesso em 05/10/2014.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

-
- MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- RIBEIRO, Luis Filipe. O conceito de linguagem em Bakhtin. In: **Revista Brasil de Literatura**, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>. Acesso em: 05/10/2014.
- SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. A propósito de Para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas. **Bakhtiniana - Revistas de Estudos do Discurso**. São Paulo, v.1, n.1, p. 42-56, 1º sem. 2009.
- SILVA, Marta Cristina. **A avaliação da leitura em língua estrangeira: explorando gêneros textuais**. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004. 317p.
- SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- VOLOSHINOV, V.N. “Que é linguagem”. In: **La revolución bajtiniana: el pensamiento de Bajtín y la ideología contemporânea**. Madrid: Cátedra, 1998.